

ONDE ESTÁ LÈVY?

Isa Maria Freire*

resenha

SANTOS, Helena. Complexidade e informacionalismo: as contribuições de Edgar Morin e Manuel Castells. In: PASSARELLI, B.; SILVA, A. M. da;

RAMOS, F. (Org.) **e-infocomunicação**: estratégias e aplicações. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014. p.25-47.

* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
E-mail: isafreire@globocom.com.

Esta resenha apresenta o relato da leitura de um capítulo do livro “e-infocomunicação: estratégias e aplicações”, organizado pelos professores Brasilina Passarelli, Armando Malheiro da Silva e Fernando Ramos. Iniciamos com uma breve apresentação do livro seguida de um resumo do capítulo, de modo que os leitores possam, de um lado, inserir o capítulo no contexto da obra, e, de outro, receber informações sobre a estrutura e o conteúdo do texto original da autora.¹

A coletânea em si reúne trabalhos de duas equipes de pesquisa — uma brasileira, do Núcleo das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação “Escola do Futuro” da Universidade de São Paulo; e a outra, portuguesa, do Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação das Universidades do Porto e de Aveiro.

No Prefácio, Martins (2014, p.9-10) esclarece que a obra “está organizada em duas partes. A primeira tem um caráter eminentemente teórico e estende-se por três capítulos”. Seguem-se, na segunda parte, “dez capítulos centrados nas plataformas digitais”. Para o autor, a obra “trata de traçar o modelo de análise de uma realidade nova: uma teoria da comunicação e da informação na era das

tecnologias eletrônicas”. Nesse sentido, destaca a “racionalidade informativa, que fundamenta um paradigma informativo”, o qual constituiria “um projeto de modernidade [...] racionalizador do espaço e do tempo” (MARTINS, 2014,p.12).

É disso que fala o texto entretecido por Helena Santos, resumido no título “Complexidade e informacionalismo: as contribuições de Edgar Morin e Manuel Castells”. A autora estrutura o capítulo em quatro seções: (1) Introdução: comunidades e ameaças; (2) Um novo tipo de mundo social: em rede, global e informacional — e complexo; (3) Novas culturas comunicacionais? Algumas notas; (4) A finalizar: a necessidade de novos caminhos sem nos perdermos nos velhos. Iniciamos nossa leitura pela introdução sobre Morin e Castells.

Os dois autores que aqui se tomam como pretexto [...] são profundamente diferentes: os seus pontos de partida divergem, o âmbito da sua reflexão também, e, apesar de ambos serem sociólogos comprometidos com o seu tempo (e sociopoliticamente implicados), os seus tempos não são os mesmos. (SANTOS, 2014, p.27).

Pois bem antes de Castells descrever e interpretar a “sociedade em rede”, “global” e “informacional”, Morin já “antecipava uma nova relação entre as ciências, e entre estas e o mundo”, como esclarece Santos (2014, p.28). E desde o

¹ Os autores citados que foram lidos no capítulo resenhado são referenciados conforme original; a citação remete tanto à página do texto resenhado quanto às páginas citadas. Os demais autores citados foram consultados nos respectivos textos originais.

final dos anos 1950 antecipou vários conceitos que seriam legitimados apenas na década final do século XX, “em particular a defesa de um pensamento complexo [...] para compreender o mundo”. Para Santos (2014, p.30-31), em comum entre Morin e Castells existe “a defesa de uma relação entre o sujeito e o social, a qual deve incorporar as relações entre o social, o físico e o biológico”, bem como a proposta de uma ciência “multidimensional e que arrisque a diluição de [...] barreiras para um conhecimento adequado à análise e à interpretação dos fenômenos sociais”. Com essa perspectiva epistemológica, Santos reúne os fios conceituais dos autores no tear da complexa sociedade da comunicação em rede.

Nesse momento da leitura adentramos na seção do texto onde a autora aborda “um novo tipo de mundo social: em rede, global e informacional — e complexo”, advindo das transformações tecnológicas do final do século XX, e seu impacto na vida e na cultura da sociedade contemporânea. Nesse contexto, Santos (2014, p.33) reconhece que o princípio da sociedade em rede proposto por Castells “é indissociável das transformações associadas às relações entre as [tecnologias digitais de informação e comunicação], a globalização e o primado da dimensão financeira e, podemos dizer, ‘virtual’ da economia”. E aqui ultrapassamos o campo de Morin e chegamos ao território da abordagem de Castells.

Santos (2014, p.34) destaca que as principais preocupações da abordagem de Castells “residem na defesa das sociedades atuais como sociedade(s) em rede(s), global(is)” enquanto resultantes da emergência do paradigma informacional-comunicacional eletrônico. Castells (2004) denominou *informacionalismo* ao princípio organizador da sociedade em rede, conceito que designa “o princípio de estruturação de um mundo completamente diferente daquele que herdamos a partir das revoluções industrial e francesa”. Trata-se do “paradigma tecnológico que constitui a base material do início das sociedades do século XXI. Ao longo do último quarto do século XX [...] ele substituiu e incluiu/absorveu o industrialismo” (CASTELLS, 2004, p.8).

Conforme Santos (2014, p.35), a abordagem de Castells (2004, p.7) tem como premissa a emergência de um “novo sistema de relação prática e simbólica com o mundo, que nos

transforma em todas as dimensões, da global [...] à emocional”, e nesse contexto o conceito de informacionalismo fundamenta a abordagem “um novo modelo de desenvolvimento nascido da emergência de um paradigma [...] fundado na tecnologia da informação”.

O que é específico do modo informacional de desenvolvimento é a ação do conhecimento sobre o conhecimento como fonte principal da produtividade. [...] O tratamento da informação visa aperfeiçoar a tecnologia do tratamento da informação como fonte de produtividade, num círculo virtuoso de interação entre os conhecimentos que estão na base da tecnologia e a aplicação da tecnologia, a fim de melhorar a geração do conhecimento e o tratamento da informação [...]. (CASTELLS, 2001, p.41 citado por SANTOS, 2014, p.36)

Mas para Santos (2014, p.36), em que pese a transformação paradigmática a que se refere Castells,

o informacionalismo não se desenvolverá em todas as dimensões e em todas as esferas das sociedades globalizadas [uma vez que] o mundo não é homogêneo, e as transformações se ancorarão sempre nos modos de vida, nas práticas e nos valores preexistentes.

Nesse sentido, sua crítica é a de que embora a escala de variáveis de mudança seja significativa, o modelo de Castells precisará agregar também variáveis de incerteza, diferenciação e desigualdade, de modo a aumentar sua capacidade analítica. Ademais,

[...] A questão das mediações e intermediações, assim como dos contextos de desenvolvimento das redes, é, de resto, uma das linhas que, em nossa opinião, requerem o aprofundamento da investigação, justamente pelo paradoxo entre possibilidade de concentração de poder e, por conseguinte, controle, e possibilidade de emergência de poderes marginais/alternativos/ difusos [...]. (SANTOS, 2014, p.38)

A autora ressalta, nesse contexto, a forma como Castells configura a dialética entre dominação e autonomia no funcionamento comunicacional-informacional:

[...] a cultura comum da sociedade em rede global é uma cultura de protocolos que permite a comunicação entre diferentes culturas, na base [da] partilha do valor da comunicação. [...] A cultura global é uma cultura da comunicação pela comunicação. (CASTELLS, 2010, p.67-68. Em itálico no original, citado por SANTOS, 2014, p.38)

Destarte, puxando outro fio conceitual de Castells para sua trama teórico-epistemológica, Santos (2014, p.39) destaca que o “princípio informacional de organização”, está relacionado ao conceito de *autocomunicação de massas*, que aborda a emergência dessa nova forma de comunicação socializada. Trata-se de uma comunicação de massas multimodal, *“autogerada no seu conteúdo, autodirecionada na emissão e autosselecionada na recepção através de muitos que se comunicam com muitos”* (CASTELLS, 2007, p.248. Em itálico, no original).

Featherstone (2009, p.5) denomina *media ubíqua* a essas novas formas de comunicação ativa, descrevendo sua emergência histórica: “Tivemos novos media nos anos 1980, multimídia nos anos 1990 e media ubíquos nos anos 2000, sucessivamente proclamados como anúncios de uma comunicação interativa mais aberta”. Contudo, para o autor, o público desconhece detalhes do processo tecnológico, “o modo pelo qual a informação pode ser rastreada e guardada em cada fase do processo de comunicação”. Nesse contexto, os indivíduos que conhecem o processo estariam incluídos na sociedade em rede, enquanto os que desconhecem os códigos de acesso seriam excluídos, criando o que Néri e colaboradores (2003, p.4) denominam “brecha digital”, um novo indicador da desigualdade sócio-econômica em níveis global e local. Pois embora essas tecnologias não representem uma solução mágica para o complexo problema da desigualdade, sem dúvida *“constituem [atualmente] uma das condições fundamentais da integração na vida social”* (SORJ, 2003, p.15. Itálico nosso).

Pois, como aponta Santos (2014, p.41), apoiada na literatura, quando mediatizadas pela tecnologia digital “as redes sociais se constituem também como redes de copresença”, e os contatos intersubjetivos em rede em geral seguem as mesmas regras “tradicionais” de cortesia do contato presencial. Ademais,

pesquisas divulgadas por Castells (2010) revelam que “a maior parte das utilizações da internet são para estudo e trabalho”, o que reforçaria, para a autora, o argumento do princípio do informacionalismo. E com isso chegamos à última seção final do texto aqui resenhado: “A finalizar: a necessidade de novos caminhos sem nos perdermos dos velhos”.

Nesse final do texto, Santos reflete sobre outras variáveis que poderiam se tornar relevantes na análise do processo de transformação da sociedade industrial numa sociedade informacional, e mesmo para compreender a complexa sociedade onde vivemos. Para a autora há que se considerar “clivagens geracionais importantes na incorporação dos equipamentos de informação e comunicação na vida cotidiana” para uma análise do passado ou do presente; e, nesse contexto, a possibilidade de emergência de novas culturas que pressionem as instituições tradicionais para uma reflexão sobre o bem comum.

O que queremos relevar é a necessidade de aprofundar e complexificar, sem perder de vista que necessitamos de instrumentos – no plano teórico e no plano da observação – que nos possibilitem equacionar mudanças e permanências, não em termos de procura de um qualquer equilíbrio abstrato e normativamente confortável, mas enquanto exercício de reflexividade, abertura e crítica. Nesse sentido, um programa plural que não retire, nem reifique, as relações específicas entre sujeitos observadores e sujeitos/objetos de observação. [...] Mas, acrescentamos, integrando nessas relações justamente “os lugares de onde se fala”. Para parafrasearmos Michel de Certeau (1982), o que significa não perder de vista os poderes próprios desses lugares, os valores e as ideologias que veiculam. (SANTOS, 2014, p.42).

A autora esclarece que Castells e colaboradores (2011) reconhecem que as teorias atuais sobre redes ainda não respondem satisfatoriamente aos problemas abordados, ressaltando a necessidade de uma abordagem *multidimensional*, “capaz de especificar os múltiplos tipos de objetos e os múltiplos tipos de relações” e conclamando à comunidade acadêmica em rede para desenvolver teorias que “captem mais da complexidade inerente à comunicação e a outros processos sociais” (SANTOS, 2014, p.42).

Enfim, Santos (2014, p.43) reconhece a atual necessidade de “Uma nova imaginação para as ciências”, especialmente para ciências da informação, as quais

[...] encontram-se, de fato, no centro de uma arena onde se jogam de forma especialmente aguda os desafios de uma de uma ciência complexa e especialmente transdisciplinar, que terá que encontrar mecanismos de equilíbrio entre a integração multidisciplinar e a fragmentação pluridisciplinar.

Como visto, no seu capítulo, Santos teceu uma rede conceitual² de modo a nos colocar diante da trama informacional urdida no tear da epistemologia das ciências sociais contemporâneas. E descreveu os caminhos que Featherstone pauta pelas mídias comunicativas e de onde Morin anteviu a necessidade de uma ciência com consciência, chegando à complexidade das redes de comunicação eletrônica objetos do interesse de Castells. Uma sociedade que se estrutura em torno de espaços “sem lugares”, espaços de fluxos de informação em um tempo sem tempo.

A nosso ver, nesse final, a autora oferece aos pesquisadores interessados a oportunidade de entretecer outros fios conceituais no tear inter-multi-transdisciplinar das ciências sociais. E por entendermos como um convite para participar do contexto, acrescentamos o fio conceitual de Pierre Lèvy na trama tecida por Santos.

À complexidade das relações sociais nas redes eletrônicas de comunicação, Lèvy (1999, p.104) denomina *cibercultura*,

[...] palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O ciberespaço designa ali o universo das redes digitais, como lugar de encontros e aventuras, terrena nos conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. [Atualmente,] designa menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados.

O contexto da cibercultura é o *ciberespaço*, construído a partir das tecnologias digitais de informação e comunicação em rede e que se tornaram um fenômeno econômico e cultural a partir do protocolo World Web Wide <www>, compartilhado em meados dos anos 1990. Baseando-se na cooperação anarquista de milhares de centros informatizados no mundo, a Internet tornou-se o símbolo desse novo meio e comunicação e produção cultural. Nesse sentido, Lèvy (1999, p.60) entende que “podemos estar vivendo um desses momentos extremamente raros em que uma civilização inventa a si própria, deliberadamente”, e por isso mesmo, considera

[...] urgente destacar os [...] aspectos *civilizatórios* ligados ao surgimento da multimídia: novas estruturas de comunicação, de regulação e de cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificação das relações de tempo e espaço etc. [...] Escolhas políticas e culturais fundamentais abrem-se diante dos governos, dos grandes atores econômicos, dos cidadãos. Não se trata apenas de raciocinar em termos de *impacto* [...] mas também em termos de *projeto* [...]. (1999, p.13. Em itálico no original)

É nesse contexto que Lèvy (1999, p.13-23 *passim*) propõe o conceito de *inteligência coletiva*, com o argumento de que em decorrência do desenvolvimento dos meios eletrônicos de comunicação “em pouco tempo, teremos passado [...] de uma humanidade a outra”, sugerindo a hipótese da emergência de um novo *espaço antropológico*.³ Nesse espaço contemporâneo, o saber tornou-se a nova infra-estrutura⁴ e as tecnologias digitais nos permitem criar e percorrer mundos virtuais, “colocando os problemas do *laço social* sobre novas bases e abrindo possibilidade para pensarmos coletivamente a aventura humana”. E mais, para influenciá-la “mediante invenção de formas de pensar e se relacionar que contribuam para fazer emergir inteligências coletivas na humanidade” (LÈVY, 1999, p.33). O problema da inteligência coletiva, nesse contexto, seria inventar uma linguagem “para além da escrita”, ou um processo de co-

2 Cf. proposto por Wersig (1993) como um método para a Ciência da Informação.

3 Trata-se de “um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico) e, portanto, dependente de técnicas, de significações e das emoções humanas” (LÈVY, 1999, p.23). No modelo de Lèvy (1999, p.22 *passim*), a Terra foi o primeiro espaço aberto à nossa espécie, seguindo-se o espaço do território (inovações do neolítico) e das mercadorias (transportes e fluxos). Vivemos atualmente o espaço do saber.

4 Cf. Serres, 1972.

municação “para além da própria linguagem”, de tal modo que o tratamento da informação possa ser distribuído e coordenado por toda parte.⁵

Nesse sentido, Lèvy (1999, p.23) entende que a perspectiva de uma inteligência coletiva exige o engajamento da “*própria identidade pessoal na vida profissional*”, numa dupla mobilização subjetiva, “*bastante individual, de um lado, mas ética e cooperativa, de outro*” (Em itálico no original). Nesse contexto, sua abordagem representa a possibilidade de uma sociedade humana mundialmente conectada em rede e fundada no “reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas” (LÈVY, 1999, p27). Por isso mesmo, o autor deixa claro que

[...] a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão ‘trabalhar em comum acordo’ [...] Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. [...] Essa visão de futuro organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da *renovação do laço social* por intermédio do conhecimento e o da *inteligência coletiva* propriamente dita. (LÈVY, p.26. Em itálico no original)

Em um coletivo inteligente, a comunidade assumiria como objetivo a “negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um, o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretção de sua memória” (LÈVY, 1999, p.29-32). Desse modo, o projeto da inteligência coletiva coloca-se como um “processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades” nos diversos grupos que constituem a sociedade. Nesse processo, uma *engenharia do laço social* torna-se extremamente relevante, sendo definida por Lèvy como “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (Em itálico no original). O núcleo da engenharia do laço social é a *economia das qualidades humanas* e sua ação implica uma *ética da inteligência coletiva*, pois “na economia do futuro, o capital será o homem total” (1999, p.42). Nesse contexto,

A transmissão, a educação, a integração, a reorganização do laço social deverão deixar de ser atividades separadas. Devem realizar-se do todo da sociedade para si

mesma, e potencialmente de qualquer ponto que seja de um social móvel a qualquer outro. (LÈVY, 1999, p.45. Em itálico no original)

E, nesse sentido, lembramos o conceito de “capital de rede” proposto por Larsen, Urry e Axhausen (2008, p.656), que Santos (2014, p.41) usou como fio na trama do seu texto:

[...] a vida social é cada vez mais reticular, móvel e a distância. A capacidade de coordenação faz parte do que noutro lugar designamos como “capital de rede” [...] o qual compreende o acesso às tecnologias da comunicação, transporte e competências sociais e técnicas de coordenação e de rede em geral. O “capital de rede” é a capacidade para gerar e sustentar relações com pessoas que não estão necessariamente próximas [umas das outras].

Uma inteligência distribuída por toda parte: eis o axioma inicial de Lèvy. Sua abordagem envolve outras variáveis, não somente teóricas como também políticas, constituindo na proposição de projetos de cooperação social para desenvolvimento de uma economia das qualidades humanas, fundamentada numa ética da inteligência coletiva mediante uma *engenharia do laço social*.

Dessa forma, e a nosso ver, Lèvy acrescenta à trama de Santos a proposta de inclusão de outras comunidades nessa discussão do campo científico, o que aproximaria seu modelo tanto da ciência com consciência de Morin, por sua matiz utópica, quanto do paradigma informacional-comunicacional de Castells, por sua proposta de análise para intervenção social. Seu fio conceitual representa uma contribuição no sentido de incluir os indivíduos não somente nos processos de comunicação eletrônica como também nas ações políticas da sociedade em rede.

Mas, no nosso entendimento, a abordagem de Lèvy se refere especialmente ao princípio fundador das sociedades humanas, que exorta cada indivíduo a cuidar do outro como cuida de si mesmo, num sistema afetivo de cooperação e proteção mútua que vem assegurando a sobrevivência da espécie e a permanência do processo civilizatório.⁶ Pois, como dizem Maturana e Varela (1977, p.33), “Amor e conhecimento não são

5 Ver também Lèvy, 1998 e 2014.

6 Sobre esse axioma civilizatório, ver Varela, 1995 e Bauman, 2011.

alternativas; o amor é um fundamento, enquanto o conhecimento é um instrumento”.⁷ E apesar de todas as possíveis diferenças fenotípicas e culturais, o outro sou eu, na dupla face do DNA.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Que oportunidade tem a ética no mundo globalizado dos consumidores? In: BAUMAN, Z. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.37-83.

CASTELLS, Manuel. **Comunicacion y poder**. Madri: Alianza editorial, 2010.

CASTELLS, Manuel. Informacionalism, Networks, and the Network Society: a theoretical blueprint. In: ____ (Org.). **The Network Society: a Cross-Cultural Perspective**. Cheltenham/Northampton: Edward Elgar, 2004.

CASTELLS, Manuel. **L'Ère de l'Information**. La Société em Réseaux. Paris: Fayard, 2001. Vol.1.

CASTELLS, M.; MONGE, P.; CONTRACTOR, N. Prologue do the Special Section: network Multidimensionality in the Digital Age. **Internationsl Journal of Communication**, v.5, 2011.

CERTEAU, Michel de. **La culture au pluriel**. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1982. Disponível em: <http://ijoc.org>.

FARRADANE, J. Knowledge, information and information Science. **Journal of Information Science**, v.2, 1980.

FEATHERSTONE, M. **Undoing Culture, Globalisation, Postmodernism and Identity**. Londres: Sage, 1995.

FREIRE, I.M. A utopia planetária de Pierre Lèvy. **InCID: R. Ci. Inf. E Doc.**, v.1, n.2, p.122-132, jul./dez., 2010.

LÈVY. P. **A esfera semântica**: Tomo I computação, cognição e economia da informação. São Paulo: Annablume, 2014.

7 “Além disso, o amor é o fundamento do viver humano, não como uma virtude, mas como a emoção que no geral funda o social, e em particular fez e faz possível o humano como tal [...]e ao negá-lo na tentativa de dar um fundamento racional a todas nossas relações e ações nos desumanizamos, tornando-nos cegos a nós mesmos e aos outros” (MATURANA; VARELA, 1977, p.33).

LÈVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 3ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

LÈVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÈVY, P. **A ideografia dinâmica**: rumo a uma imaginação artificial? São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LÈVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MARTINS, M. de L. A sociedade da informação, as ciências da comunicação e da informação e a comunidade científica. Prefácio. In: PASSARELLI, B.; SILVA, A. M. da; RAMOS, F. (Org.) **e-infocomunicação**: estratégias e aplicações. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014. p.9-14.

MATURANA, H.; VARELA, F. Prefácio. In: _____. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese - a organização do vivo. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, Edgar. **Science avec conscience**. Paris: Seuil, 1990.

NERI, M.; CARVALHAES, L.; NERI, A.L.; PIERONI, A. Lei de Moore e Políticas de Inclusão Digital. **Revista Inteligência Empresarial**, n.14, jan. 2003.

PASSARELLI, B.; SILVA, A. M. da; RAMOS, F. (Org.) **e-infocomunicação**: estratégias e aplicações. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

SANTOS, H. Complexidade e informacionalismo: as contribuições de Edgar Morin e Manuel Castells. In: PASSARELLI, B.; SILVA, A. M. da; RAMOS, F. (Org.) **e-infocomunicação**: estratégias e aplicações. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014. p.25-47.

SERRES, M. J'habité une multiplicité d'espaces. **L'Interférence**, Paris: Minuit, 1972.

SORJ, B. **brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: Unesco, 2003.

VARELA, F. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Edições 70, 1995.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, 1993.